

# O GLOBO Rio Show

Sexta-feira, 5 de janeiro de 2006

## Na praça outra vez

Depois de oito anos longe dos palcos, Chico Buarque está de volta com o show 'Carioca', ode à cidade em cartaz no Canecão





# O músico e a cidade

Chico Buarque canta as belezas e mazelas do Rio no show que estreou ontem no Canecão

Gustavo Leitão

**E**ra um reencontro mais que obrigatório. De um lado, um compositor há oito anos afastado dos palcos do Rio, apesar da recente declaração musical de amor à cidade — o CD "Carioca", lançado em maio do ano passado. Do outro, um público saudoso, que esperou até cinco horas diante da bilheteria do Canecão para comprar ingressos. Pois a expectativa acabou. Sob o contorno cenográfico das mon-

tanhas cariocas, Chico Buarque finalmente estreou ontem, em casa, seu mais novo show. Uma casa que também pode ser chamada de musa.

O protagonista da turnê de "Carioca" é o próprio Rio, com suas belezas e mazelas. O show, que segue em cartaz até fevereiro, reúne uma coletânea de referências da carioca. A base são as músicas do mais recente CD, mas também há espaço para antigas canções. Mais à vontade no palco do que nunca, Chico louva cartões-postais

como o Morro Dois Irmãos, o Cristo Redentor e Ipanema. Mas também entoa críticas à cidade dita maravilhosa.

— Conheci muitos Rios. Ele está mais bruto, violento e deteriorado. Mas não sou chegado à nostalgia — diz o compositor, de 62 anos, que nasceu no Rio e voltou a morar por essas bandas há 40 anos.

O revés da cidade está presente em canções do último disco, como "Subúrbio", que fala do Rio sem *glamour* e de costas para o Cristo, e "Ode aos ratos", um retorno deses-

perançado à temática dos meninos de rua de "Pivete". Mas também há espaço para o lirismo no roteiro de 29 músicas — o maior dos últimos shows de Chico. Basta dizer que "Futuros amantes" e "As vitrines" estão nele.

— Não é um show de sucessos. Pelo contrário. A escolha das músicas se deu durante os ensaios. Uma puxou a outra — explica o compositor, que resolveu cantar pela primeira vez ao vivo sucessos como "Bye bye, Brasil" e "A história de Lily Braun". >>

>> **"Voltei a cantar"** (Lamartine Babo): Chico abre o show com a canção, como Mário Reis fez em 1939 para marcar a retomada de sua carreira.

>> **"Mambembe"** (Chico Buarque): Composta para a trilha do filme "Quando o carnaval chegar", nunca foi cantada por Chico ao vivo.

>> **"Dura na queda"** (Chico Buarque): Gravada por Elza Soares em seu disco "Do côccix até o pescoço".

>> **"O futebol"** (Chico Buarque): Garrincha, Pagão, Didi, Pelé e Canhoteiro são homenageados neste samba.

>> **"Morena de Angola"** (Chico Buarque): Chico substituiu os "uis" da versão de Clara Nunes pelo som percussivo da kalimba.

>> **"Renata Maria"** (Ivan Lins/Chico Buarque): A primeira parceria com Ivan Lins tem o Rio como cenário.

>> **"Outros sonhos"** (Chico Buarque): Baseada em uma quadrinha que o pai de Chico, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, cantava.

>> **"Imagina"** (Tom Jobim/Chico Buarque): Composta por Tom Jobim, em 1947. Chico só colocou a letra em 1983.

>> **"Porque era ela, porque era eu"** (Chico Buarque): Feita para o filme "A máquina", de João Falcão.

>> **"Sempre"** (Chico Buarque): Composta para o filme "O maior amor do mundo", teve a letra mudada para evitar um cacófono.

>> **"Mil perdões"** (Chico Buarque): Composta para o filme "Perdoa-me por me traíres", de Braz Chediak, ganhou um toque blueseiro.

>> **"A história de Lily Braun"** (Edu Lobo/Chico Buarque): Da trilha do balé "O grande circo místico", ganhou fama na voz de Gal Costa.

>> **"A Bela e a Fera"** (Edu Lobo/Chico Buarque): Também incluída na trilha do balé, foi gravada originalmente por Tim Maia.

>> **"Ela é dançarina"** (Chico Buarque): Fala dos desencontros de um casal com profissões bem diferentes.

>> **"As atrizes"** (Chico Buarque): É inspirada nas musas do cinema francês que o cantor admirava na infância.

>> **"Ela faz cinema"** (Chico Buarque): Com acento bossa-novista, virou a música de trabalho do CD "Carioca".

>> **"Eu te amo"** (Tom Jobim/Chico Buarque): Foi incluída no roteiro do show uma semana depois da estréia em São Paulo.

>> **"Palavra de mulher"** (Chico Buarque): Feita para o filme "Ópera do malandro", ficou conhecida na voz de Elba Ramalho.

>> **"Leve"** (Carlinhos Vergueiro/Chico Buarque): Chico fez a letra do misto de bolero e samba-canção para o disco de Dora Vergueiro.

>> **"Bolero blues"** (Jorge Helder/Chico Buarque): Parceria com o baixista de Chico, é considerada pelo músico a mais difícil de cantar.

>> **"As vitrines"** (Chico Buarque): Grande sucesso da trajetória de Chico, já incluído nos shows "Francisco" (1988) e "As cidades" (1999).

>> **"Subúrbio"** (Chico Buarque): Momento em que o móbile do cenário, inspirado no relevo carioca, começa a girar.

>> **"Morro Dois Irmãos"** (Chico Buarque): Celebração poética do morro carioca que Chico avistava da casa em que morava, na Gávea.

>> **"Futuros amantes"** (Chico Buarque): Apresentada pela primeira vez no show "Paratodos" (1994).

>> **"Bye bye, Brasil"** (Roberto Menescal/Chico Buarque): Composta para o filme homônimo, nunca foi cantada por Chico ao vivo.

>> **"Cantando no toró"** (Chico Buarque): Enquanto o samba toca, é hora de apresentar a banda.

>> **"Grande Hotel"** (Wilson das Neves/Chico Buarque): Chico convoca o baterista Wilson das Neves. Os dois cantam e dançam.

>> **"Ode aos ratos"** (Edu Lobo/Chico Buarque): O rap-baião é o momento mais vigoroso do show.

>> **"Na carreira"** (Edu Lobo/Chico Buarque): Da trilha de "Grande circo místico", a canção tem toque circense que lembra Nino Rota.

CHICO BUARQUE e sua banda apresentam 29 músicas, entre canções do último disco e sucessos da carreira, no show "Carioca", temporária segue até fevereiro





## Irresistível 'paratodas'

Existem duas verdades indiscutíveis a respeito de Chico Buarque. A primeira é que sua figura pública exerce um fascínio irresistível sobre as mulheres. Prova disso é que, aos 62 anos, o compositor de "Bárbara" e "Renata Maria" ainda consegue espalhar frisson e provocar gritos (femininos, é claro) por onde passa em turnê. A segunda é que essa mesma fascinação intriga os homens. Que charme teria o "poeta dos olhos cor de ardósia" que só o sexo feminino consegue captar?

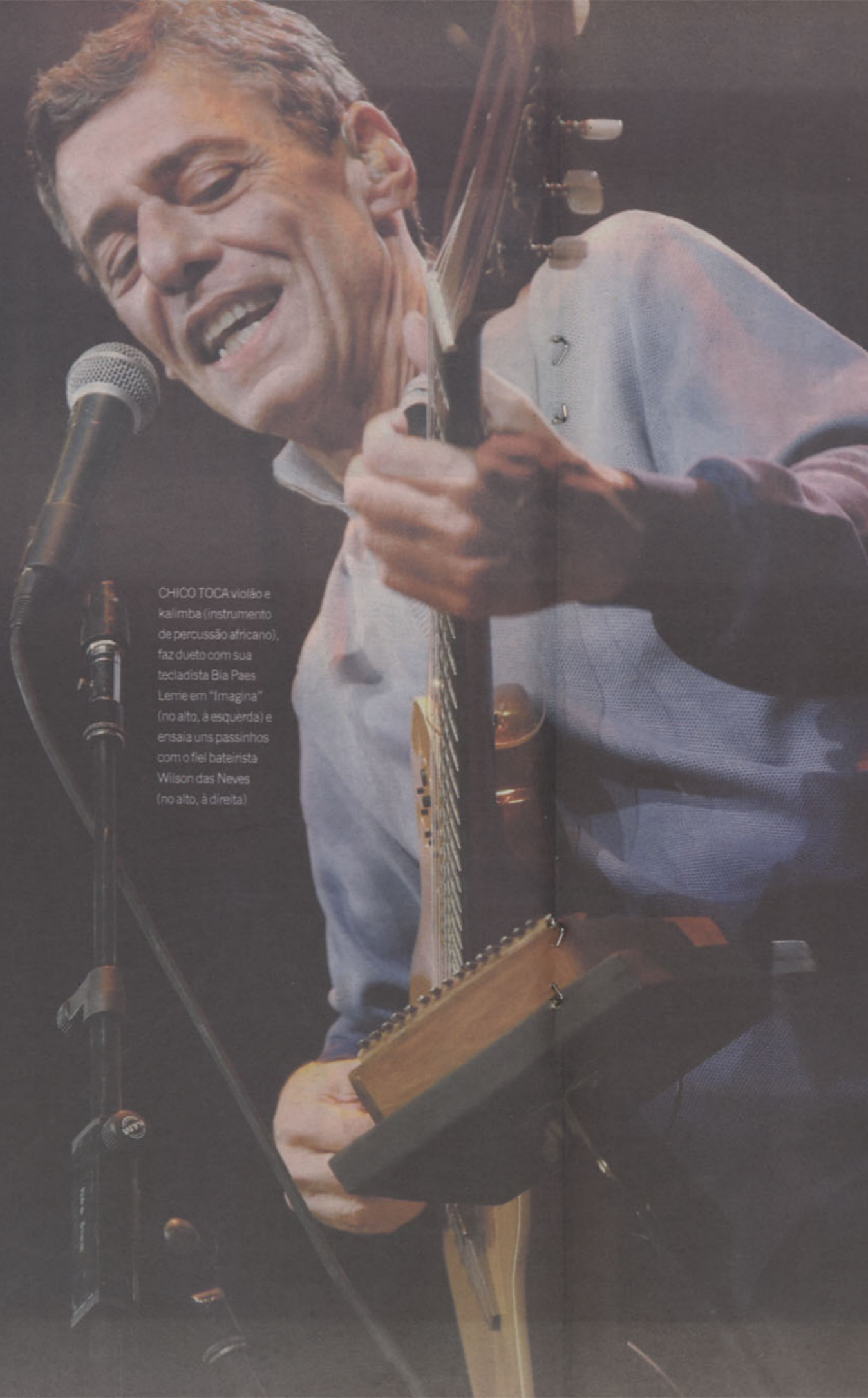
O escritor e colunista do GLOBO Luis Fernando Veríssimo bota lenha na fogueira do debate. Em uma de suas crônicas, "A cláusula do elevador", Veríssimo faz troça com as duas únicas possibilidades de traição perdoáveis em um contrato nupcial: se o marido ficar preso em um elevador com a Luana Piovani ou se o mesmo acontecer com a mulher e Chico Buarque.

— O Chico tem uma cara meio de desprotegido, de garotão. Ele desperta o instinto maternal das mulheres — brinca.

Um dos mais incansáveis debatedores da *chicomania* é o cronista Tutty Vasques. O *alter ego* do jornalista Alfredo Ribeiro já dedicou uma infinidade de textos ao fenômeno. Sempre com uma ponta de inveja. Num dos últimos, ele defende que o compositor faz parte de uma raça de homens em extinção. Na pele de seu criador, Tutty sustenta que a admiração feminina é mais que saudável:

— As chances de rolar algo entre eles são de uma para 80, 90 milhões. Não custa nada, além do ingresso, pagar o mico de marido no Canecão. Sua mulher vai te achar macho pra chuchu — teoriza Alfredo.

Recentemente, o jornal "Folha de São Paulo" promoveu uma experiência. Levou um *display* do cantor em tamanho natural para passear pela capital paulista durante dois dias. O Chico *fake* mereceu até pedido de casamento. No Orkut, a histeria se manifesta em comunidades como "Chico Buarque: eu tb beijaria" (com 2.268 membros) e "Quero o Chico Buarque pra mim" (com 524). (G.L.)



CHICO TOCA violão e kalimba (instrumento de percussão africano), faz dueto com sua tecladista Bia Paes Leme em "Imagina" (no alto, à esquerda) e ensaia uns passinhos com o fiel baterista Wilson das Neves (no alto, à direita)



Fotos de divulgação

## 'Eu estive lá... na estréia'

Nada mais carioca do que o show de estréia de "Carioca" em São Paulo, em agosto de 2006. Sim, o público era paulista, o Tom Brasil é paulista, a maioria dos críticos era paulista e até as mulheres mais alvoroçadas paulistas eram. Mas Chico Buarque, sua banda, sua música, sua poesia, tudo isso tinha nítido sabor de Rio. Música de uma fase mais madura do compositor e poesia passeando por subúrbios, morros, praias, vitrines, circos e cinemas cariocas. Eu estava lá e vi.

Vi paulista encantar-se com o cenário que traçava no ar contornos do Pão de Açúcar, do Corcovado e do Dois Irmãos. E vi homens e mulheres (principalmente estas) emocionados a ponto de cantar com ele os temas mais conhecidos. Talvez as coisas não soem tão cariocas no Canecão, casa menos organizada que o Tom Brasil, que ainda por cima tem som infinitamente superior.

Nisso, "Carioca" foi bem paulista, sério e competente. Também não sei se a tietagem feminina do Rio cometerá os mesmos arroubos da de lá. Destes, pelo menos um sofreu na pele. Estava a caminho do camarim para cumprimentar o astro do show quando senti um braço vir de trás e se meter furiosamente sob o meu. A dona do braço, com voz de o-senhor-sabe-com-quem-está-falando?, gritou-me ao ouvido: "Quer fazer o favor de tirar o braço de cima do meu!". Virei-me e reconheci a ex-prefeita Marta Suplicy doida para chegar ao Chico antes das outras.

A coleguinha que assina em folha paulista coluninha dedicada a ricos famosos disse que tratei mal a tiete ilustre. Verdade. Mas o mínimo que me cabia fazer era, no mesmo tom que ela me gritou, responder cariocamente: "Só depois que a senhora tirar o braço debaixo do meu!". Mas o que isso tem a ver com "Carioca", o show? Tudo. É que Chico Buarque continua em plena forma, na música e no apelo.

A turnê do show "Carioca", que começou em agosto, em São Paulo, cruzou seis cidades, incluindo duas em Portugal, e já somou cem mil espectadores. Mesmo sem fazer concessões no repertório — a concentração de sucessos em "As cidades" era muito maior — Chico ainda provoca frenesi.

Em uma das apresentações, em Ribeirão Preto, uma fã furou o bloqueio dos seguranças e beijou o cantor em cena. O Tom Brasil, em São Paulo, foi palco de um episódio ainda mais incrível, quando um homem tentou agarrá-lo mas foi contido. Em Minas Gerais, ele viveu reações semelhantes.

De violão em punho, Chico sobe ao palco acompanhado do maestro e arranjador Luiz Cláudio Ramos (violão), João Rebouças (piano), Wilson das Neves (bateria), Chico Batera (percussão), Jorge Helder (contrabaixo), Marcelo Bernardes (flauta e sopros) e Bia Paes Leme (teclados).

O cenário de Hélio Eichbauer, um móbil de seis metros de largura inspirado no relevo do Corcovado e do Morro Dois Irmãos, dá um toque extra de carioquice à proposta. Com a iluminação de Maneco Quinderé, a estrutura parece reproduzir diferentes momentos do dia na cidade.

— No meio do show, o móbil gira e parece mostrar o Rio de vários ângulos — descreve o cenógrafo.

Muita coisa mudou desde que Chico fez sua última temporada no Canecão, durante a turnê de "As cidades", em 1999. Hoje dividido entre literatura e música, ele admite que ficou mais rebuscado nas harmonias e seletivo com sua obra:

— Antigamente, onde o dedo batia no violão, saía música. Atualmente, o processo é mais consciente.

O hiato de oito anos entre os dois shows — que só perde para o jejum de 13, entre 1975 e 1988 — marca uma nova relação, mais íntima, com o palco. Embora se diga "mais solto" atrás do microfone, Chico explica por que ficou mais reticente antes de tomar a decisão de sair em turnê.

— Está cada vez mais complicado. Sete anos fazem muita diferença. Eu fico muito cansado. É muito bom durante, mas também é ótimo quando termina — brinca.

A turnê, patrocinada pela TIM, também vai render um DVD, que chega às lojas no segundo semestre. É mais uma chance de prolongar esse flerte com o Rio. Afinal, sabe-se lá quando teremos Chico outra vez. ■